O GAMBITO DA RAINHA

DOS TABULEIROS AOS DADOS

Por Karen Fontenele
Membro da Comissão de Participação Institucional Feminina da Justiça Eleitoral do Distrito Federal – CPIF

Lançada em outubro de 2020, "O Gambito da Rainha" (The Queen´s Gambit) alcançou o título de minissérie mais vista da história da plataforma Netflix. A trama traz a história de Beth Harmon, jovem prodigiosa no xadrez que luta para alcançar reconhecimento enquanto se equilibra entre seus dramas pessoais, como depressão e dependência de álcool e drogas.

Além da atenção do público, a obra provocou uma verdadeira revolução no mercado do xadrez. Segundo uma pesquisa divulgada pela Decode, desde o lançamento da série, houve um aumento exponencial de buscas no Google por termos "gambito da rainha (250%) e "jogada siciliana (300%). Cresceu, ainda, a pesquisa por maneiras de jogar digitalmente, o que se refletiu no aumento da busca de termos como "jogar xadrez online (40%) e "Flyor Die Xadrez" (60%).

De acordo com dados da SensorTower, o número de downloads do aplicativoChess- Play and Learn teve um aumento repentino, e faturou U$ 300 mil. Tudo isso fez com que se promovesse a popularização de um jogo anteriormente considerado intelectual, hermético, inacessível.

No entanto, um dos aspectos mais interessantes foi a atração de mais mulheres para os tabuleiros. Ainda de acordo com a Decode, das pessoas que assistiram à série e que demonstraram interesse pelo jogo, 73% são mulheres e 27% são homens.

Porém, um dado chama atenção: das 100 maiores pontuações no jogo, apenas um teve uma participação feminina. Ao analisar esse aspecto, a analista da Decode Letícia Diefenbach afirmou: "O contraste entre os números da tendência e o histórico das pontuações é um forte indicativo de peso da protagonista feminina como influência para esse comportamento. São dados que reiteram a relevância da representatividade midiática, em obras ficcionais, ou não, como fator de mudanças culturais."

A fala da analista nos alerta para um problema já explicitado por Bachelard e que nos permite brincar com as palavras: o dado não é dado, "é construído". Somente o esforço, seja ele da ordem artística, social ou cientifica, pode ser capaz de transformar a realidade ao nosso redor.

Por isso, sempre que me dizem que Beth Harmon não existiu, concordo discordando. Embora poucas mulheres tenham alcançado a elite do xadrez mundial, muitas certamente se viram representadas nas questões da jovem órfã. Nos olhos tristes, na resistência à misoginia, em jogadas mais firmes – dentro e fora do jogo – a mulher se equilibra diariamente para buscar o seu espaço.

E, ainda no jogo que traz um personagem feminino como peça principal (a rainha), seguimos lutando nos bastidores. Por vezes atropeladas por reis, cavalos, ou, pior: por paradigmas. Que sigamos na luta pela representatividade, e que não deixemos, jamais, que os arquétipos sigam nos colocando em xeque.